

ARTIGO CIENTÍFICO

PROBLEMATIZAÇÃO DO ENFRENTAMENTO AO ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisca Janiele Pereira Alexandre¹, Evandro Dantas da Silva², Francisco Santiago da Silva³, Francisca Amanda de Almeida Duarte⁴, Tamirys Estevão dos Santos⁵ e Maria Aparecida Alves Sobreira Carvalho⁶

Resumo: O assédio sexual tem sido uma das principais violências sofridas pelas mulheres, tendo origem no contexto histórico-cultural de uma sociedade patriarcal e misógina. O ambiente escolar, como parte da sociedade, pode naturalizar as violências ao se omitir na problematização desta temática. Neste sentido, este artigo tem como objetivo relatar a experiência dos autores na condução de uma estratégia de intervenção em sala de aula que aborda o assédio sexual no ambiente escolar, procurando responder os seguintes questionamentos: O que os estudantes sabem sobre assédio na escola? Qual o papel do docente? De que forma a escola pode intervir e se posicionar diante do assunto? Como metodologia utilizamos o relato de experiência da prática desenvolvida com estudantes da Licenciatura em Educação Física do IFPB-Campus Sousa, na disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação Física. Foi apresentada uma estratégia pedagógica direcionada à educação infantil para que de forma lúdica, favorecesse o conhecimento e possibilidades de enfrentamento das situações de assédio. Conclui-se sobre a importância do debate sobre o assédio na escola e a instrumentalização de professores na formação inicial, favorecendo uma abordagem colaborativa, participativa e crítica.

Palavras-chave: Assédio sexual. Abuso infantil. Educação sexual. Educação escolar.

PROBLEMATIZATION OF COPING WITH SEXUAL HARASSMENT IN SCHOOLS: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract: Sexual harassment has been one of the main forms of violence suffered by women, originating in the historical and cultural context of a patriarchal and misogynistic society. The school environment, as part of society, can naturalize violence by omitting to problematize this issue. The aim of this article is to report on the authors' experience of carrying out a classroom intervention strategy that addresses sexual harassment in the school environment, to answer the following questions: What do students know about harassment at school? What is the role of the teacher? How can the school intervene and take a stand on the issue? As a methodology, we used a report on the experience developed with students from the Physical Education degree course at the IFPB - Sousa Campus, in the subject of Psychological Foundations of Physical Education. A pedagogical strategy was presented, aimed at children's education, to promote knowledge and possibilities for dealing with situations of harassment in a playful way. The conclusion is that it is important to debate harassment at school and to equip teachers in their initial training with a collaborative, participatory and critical approach.

Keywords: Sexual harassment. Child abuse. Sexual education. School education.

Recebido para publicação em 13/08/2023. Aprovado em 27/11/2023.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: janielepereira324@gmail.com

² Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: evandro-dantas@hotmail.com

³ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: santimoral70@gmail.com

⁴ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: duarte.amanda@academico.ifpb.edu.br

⁵ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: estevaotamirys68@gmail.com

⁶ Docente do curso de Licenciatura em Educação Física, Instituto Federal da Paraíba campus Sousa. E-mail: maria.carvalho@ifpb.edu.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.35512/ras.v7i4.8007>

INTRODUÇÃO

A grande maioria da população brasileira é marcada profundamente pela herança machista, naturalizada em sala de aula por meio da desigualdade. Partimos do pressuposto que este tema está atrelado a nossa própria sociedade, que tem resistido em discutir temas como racismo, desigualdade de gênero, intolerância religiosa, educação sexual na infância, dentre outros. A falta de debate, de problematização destas variadas formas de violência dificulta o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento.

De forma específica, destacamos neste artigo a gravidade dos casos de assédio sexual. De acordo com Martelli (2013), a estimativa é que no Brasil, 165 crianças ou adolescentes sofrem abuso sexual diariamente, isso equivale a 7 a cada hora. A maioria das vítimas é menina, na faixa etária de 7 a 14 anos, sendo que 1 a cada 3 ou 4 continua sendo abusada até os 18 anos. De acordo com Código Penal (Brasil, 1940), o assédio sexual acontece quando uma pessoa constrange alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou emerge ao exercício de emprego, cargo ou função.

No cuidado com a criança, as formas de violência podem ser físicas, psicológicas ou por negligência, que podem por ação ou omissão de alguém, comprometer o desenvolvimento saudável, deixando marcas no corpo e na autoestima (Batista *et al.*, 2022). Lembrando que as crianças e adolescentes são sempre consideradas vítimas quando envolvidas em casos de assédio ou qualquer situação de delito, pois de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), deveriam ter um adulto de referência, com capacidade de orientar e oferecer apoio e não impor violência. É considerada a situação de vulnerabilidade de crianças e adolescentes e a responsabilidade do adulto de proteger e acompanhar o desenvolvimento saudável, dentro de uma dimensão biopsicossocial.

Partindo da situação descrita, surgem na sala de aula da formação inicial de professores de Educação Física, os seguintes questionamentos: O que os estudantes sabem sobre assédio na escola? Qual o papel do docente? De que forma a escola pode intervir e se posicionar diante do assunto? Neste sentido, o objetivo deste artigo é relatar a experiência dos autores na condução de uma estratégia de intervenção em sala de aula que aborda o assédio sexual no ambiente escolar, procurando responder os questionamentos levantados. Espera-se que este relato seja importante para aprofundar a reflexão acerca desta temática, de modo especial, entre os estudantes de licenciatura.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de estudantes da disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação Física do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia da Paraíba, no Campus Sousa. A turma de 28 estudantes foi dividida em cinco equipes para criar uma estratégia pedagógica que abordasse o assédio sexual na escola, no desenvolvimento de um seminário de 30 minutos. Este relato de experiência foi da equipe que desenvolveu a temática direcionada às crianças, em uma linguagem mais lúdica que facilitasse a interação e compreensão do conteúdo. Foi adotada a abordagem de ensino Construtivista Interacionista onde as situações de ensino devem interessar ao estudante, onde o “corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo, ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e outro (corpo) para transportar, mas ambos para emancipar” (Freire, 1992, p.130).

A estratégia pedagógica foi desenvolvida na turma da Licenciatura, avaliada pelas professoras das disciplinas Fundamentos Psicológicos da Educação Física e Didática da Educação Física, sendo pontuado: criatividade, adequação ao tempo, segurança e adequação das informações e conceitos ensinados, utilização de metodologia participativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados e discussão será apresentado o estudo desenvolvido pela equipe sobre a temática e a estratégia pedagógica que envolveu os estudantes da turma de Educação Física durante o seminário.

Assédio em ambiente escolar

O assédio sexual é considerado uma das principais violências sofridas pelas mulheres desde a antiguidade até os dias atuais, no entanto, sua origem é histórica e cultural. Com a sua base de sustentação firmada no comportamento ou modo do homem, na sociedade patriarcal e na desigualdade de gênero, o assédio acompanha a mulher desde o nascimento assim como sua objetificação e submissão (Alves, 2018). Neste sentido, Santos *et al.* (2021) destacam que o ambiente escolar deve abrir espaço para os alunos entenderem as diferenciações e conceitos, trazendo um autoconhecimento de como eles se identificam e se relacionam de uma maneira segura e agradável. Entendendo-se assim a forma de vivência da sexualidade, que pode ocorrer com qualquer pessoa independente do sexo, ou pode simplesmente não ocorrer, também sendo uma forma de orientação sexual. Com isso, a escola e o corpo docente devem se preparar para abordar os conceitos e experiências que envolvem o tema “sexualidade”, tornando-se capazes de formar cidadãos conscientes e seguros de suas decisões (Santos *et al.*, 2021).

De acordo com os dados da última Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), a violência sexual se mostra presente na vida de um significativo percentual de meninos e meninas que frequentam a escola. Dentre as meninas, 1 a cada 5

adolescentes (20,1%) de 13 a 17 anos dizem já ter vivenciado situações em que tenha sido tocada, manipulada, beijada ou até ter partes do corpo expostas contra sua vontade e 8,8% das meninas nessa idade já foram forçadas ao sexo, a maioria antes dos 14 anos (IBGE, 2022). Segundo pesquisa realizada por Alberto (2022), 70% dos alunos entrevistados afirmam ter sofrido algum caso de assédio sexual, enquanto apenas 30% afirmam nunca ter sofrido tal violência.

Educação sexual escolar

No Brasil, as primeiras preocupações com a educação sexual surgiram na década de 1920 e tinha como objetivo acabar com a prática da masturbação, com doenças sexualmente transmissíveis e preparar mulheres para seu papel de mãe e esposa e a aprovação de um programa de Educação Sexual pelo Congresso Nacional de Educadores nas escolas em 1928, mas apenas com o público de crianças acima de 11 anos (Santos *et al.*, 2021).

Entre os anos de 1935 até a década de 1960, existe uma lacuna, fato considerado como retrocesso nas iniciativas ligadas à Educação Sexual, e que foram atribuídas a intervenção da Igreja Católica no sistema educacional e aos movimentos políticos que também proibiram a Educação Sexual (Sayão, 1997). No final da década de 1990, com a construção dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs) com o objetivo de ser uma referência e orientações pedagógicas para os profissionais da área educacional, foi incluindo o tema transversal da Orientação Sexual (Sayão, 1997). De acordo com o PCNs (Brasil, 1997), mesmo com a resistência das famílias à abordagem dessa questão no âmbito escolar, ainda havia um forte desejo para se introduzir o tema nas escolas, tendo em vista que é de extrema importância sua discussão e de como as famílias ainda encontram dificuldades em abordá-lo com suas crianças e jovens.

Segundo Cunha (2021) a educação sexual deve ser instruída e inserida na perspectiva das ações pedagógicas intencionais e sistematizadas, que não se justificam pelos entendimentos do senso comum, pois é respaldada por orientações legais e que deve, assim, consolidar-se como uma Educação Sexual escolar.

Estratégias pedagógicas

Para a construção da aula, utilizamos três recursos pedagógicos: uma boneca interativa, um quebra-cabeça e um cartão de confiança. A ideia era vivenciar o desenvolvimento destas três dinâmicas para ensinar aos estudantes da Licenciatura em Educação Física a abordarem a temática com crianças, de uma forma lúdica. A primeira atividade foi a que mais chamou atenção dos estudantes, chamada de “semáforo do toque”. Para o seu desenvolvimento, a sala foi distribuída em subgrupos de quatro ou cinco estudantes para

reconhecerem as partes do corpo humano que podem ser tocadas. A Figura 1 apresenta a boneca construída para mediar o debate:

Figura 1. Semáforo do toque



Fonte: Adaptada do Semáforo do toque - esse corpo é meu (2023).

A boneca foi construída com material reciclável, existindo no desenho espaços em branco em determinadas partes do corpo. Cada grupo teria que preencher com cores do semáforo, o que podia ser tocado: a cor verde indica a parte do corpo que pode ser tocada livremente, amarela indica atenção ao toque e vermelha indica toque proibido, que aquela parte só pode ser tocada pela própria criança. Além de indicar a cor, deveria dizer o motivo, provocando muito debate.

Na segunda atividade, cada subgrupo recebeu peças de um quebra-cabeça com algumas peças que estavam em outros grupos, precisando de interação para montar. O jogo ao ser concluído apresentava mensagens de carinho e proteção (o seu corpo é um tesouro que ninguém pode machucar; você é especial e amado e deve conversar sempre com quem você ama; se alguém te tocar onde não pode, conte para a mamãe, para o papai ou professores; está sozinho e alguém te assediou? Fuja e chame ajuda; disque 100 para denunciar). A didática deste momento foi mostrar aos estudantes que eles não estão sozinhos e que para combater o assédio em sala de aula, eles precisam recorrer a pessoas de confiança. A terceira atividade constituiu em distribuir para os estudantes um cartão decorado, onde foi solicitado que escrevessem o nome

e o contato de uma pessoa em quem confiam e que poderiam contar caso passassem por situações de abuso, como forma de reforçar o intuito da atividade anterior, além de reforçar uma rede de proteção afetiva.

Ao final, nos reunimos em roda de conversa e reforçamos o que foi visto na aula e demos instruções sobre as atitudes que devem ser tomadas, sobre o disque 100 e os demais mecanismos de denúncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual na escola tem um importante papel na sociabilização das crianças e na aquisição de atitudes de cuidado consigo e com o outro. A interação com os pares nos jogos, brincadeiras lúdicas e atividades escolares sobre o tema levam as crianças a descobrirem as formas de enfrentamento. Deste modo a escola deve ajudar os estudantes a descobrirem a importância do seu próprio corpo, da sexualidade, do respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, a aceitar a sua identidade e a riqueza de uma sexualidade saudável.

É de extrema importância que os professores estejam em constante formação para a busca dos conhecimentos, para que possam promover uma abordagem eficaz que irá favorecer o enfrentamento de tantas violências, se reconhecendo como parte de uma escola mais sensível e humana. Portanto, cuidar da formação inicial dos professores incluindo temáticas de conflito, de forma colaborativa e participativa, favorece o desenvolvimento de profissionais mais críticos e conscientes do seu papel na construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, O. S. N. **As implicações do assédio sexual no processo de ensino/aprendizagem:** um estudo no Complexo Deus-Lubango. 76 fls. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Instituto Superior de ciências da Educação, Curso de Licenciatura em Ensino da Psicologia, Lubango, 2022.

ALVES, F. L. G. **Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar:** as influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da Escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Mãe do Rio, 2018.

BATISTA, M. K. B. et al. Abuso sexual contra crianças: construindo estratégias de enfrentamento na Atenção Primária à Saúde em um município da região metropolitana do Recife. **Saúde Em Debate**, v.46, p. 208–220. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2012.

BRASIL, Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ética e termos transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CUNHA, L.A. **A Educação sexual e a educação física escolar nos documentos educacionais: primeiras aproximações críticas**. 40 fls. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Brasília, 2021.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MARTELLI, Andréa Cristina. 2013. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: O que a escola tem a ver com isso?** Anais: Simpósio Internacional de Educação Sexual: corpos, identidade de gênero, heteronormatividade no espaço escolar. Maringá,

SAYÃO, R. **Saber o sexo: os problemas da informação sexual e o papel da escola**. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 97-105. 1997.

SANTOS, A. L. R. et al. **A Educação sexual no ambiente escolar**. 27 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Centro Universitário de Unabetim, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Pedagogia, Betim, 2021.

SEMÁFORO DO TOQUE - ESSE CORPO É MEU. **Blog Aprender e Brincar**, 2023. Disponível em: <https://www.aprenderebrincar.com/2022/10/semaforo-do-toque-esse-corpo-e-meu.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.